



GT 013. Antropologia da Técnica

Fabio Mura (PPGA-UFPB) - Coordenador/a, Eduardo Di Deus (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UnB) - Coordenador/a, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Caetano Kayuna Sordi Barbara Dias (Universidade de Caxias do Sul) - Debatedor/a, Alessandro Roberto de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a

O GT Antropologia da Técnica chega a sua terceira edição tendo contribuído para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. A partir da definição de técnica como ato tradicional eficaz, oferecida por Mauss, a compreensão dos processos técnicos se desenvolveu com especial atenção para a diversidade de relações e interações entre humanos, artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral. Para compreender tais processos resulta significativo focar as práticas, os conhecimentos e as habilidades que estão na base das cadeias operatórias, não como mera projeção de uma tecnologia, mas como propriedades de ação sobre materiais. Neste sentido, pretendemos aqui salientar, entre os processos técnicos, o trabalho como ato que coloca as mãos em obra, centrado justamente na manifestação de habilidades práticas, fruto da experiência no ambiente, ele mesmo entendido como meio técnico, nos termos de Lévi-Strauss. É importante também ser dada aos efeitos oriundos das intenções e de práticas técnicas que redundam na configuração de relações de poder. Tal proceder permite focar atos políticos voltados a mobilizar, ordenar e hierarquizar forças e materiais, não como em oposição à dimensão material, mas como técnicas de uso e de controle, fundamentais na formação de sistemas técnicos. Assim, espera-se aqui reunir trabalhos etnográficos e analíticos que foquem os processos técnicos na direção de tais preocupações.

“Ô nega, tu tá sofrendo! ?”: entre aflição e medo da perda material

Autoria: Joelma Batista do Nascimento

A convivência é um aspecto essencial na atividade leiteira, compondo um alicerce para diversificadas práticas relacionadas ao manejo e as relações instauradas a partir dele. Através do cotidiano torna-se possível identificar a coexistência de diferentes emaranhados incorporando saberes, técnicas, emoções, solidariedade, moralidade, entre outros. Gostaria de elencar alguns desses elementos tomando como base uma descrição etnográfica da gestação e “queda” de Pretinha após o nascimento de sua bezerra. Enfatizarei, especialmente, uma esfera individual de aprendizagens e técnicas (corporais, sonoras e emocionais) entre criador/bezerra/vaca a partir da lactação, bem como, a ativação de um campo moral que incorpora vizinhos e parentela através dos sentimentos de solidariedade, pesar e angústia.



Realização:



Apoio:



Organização:

